



## MICHEL FOUCAULT: CORPOS DÓCEIS E DISCIPLINADOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

BRIGHENTE, Miriam Furlan – PUCPR  
[miriambrighenti@yahoo.com.br](mailto:miriambrighenti@yahoo.com.br)

MESQUIDA, Peri – PUCPR  
[mesquida.peri@gmail.com](mailto:mesquida.peri@gmail.com)

Eixo Temático: Violências nas escolas  
Agência Financiadora: não contou com financiamento

### Resumo

Esta comunicação é o resultado parcial de uma pesquisa de mestrado em Educação que está em andamento e tem como objetivo verificar quais seriam as implicações do conceito freireano de interdição do corpo sobre a educação do educador. Mas, para alcançar esse objetivo, realizamos num primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica, apoiando-nos em Michel Foucault (2009a; 2009b; 2010), em particular nas obras nas quais o autor trata dos *corpos dóceis* e disciplinados nas escolas, e o quanto este processo foi se construindo e se solidificando ao longo do tempo, principalmente na prática pedagógica dos educadores. Docilizam-se os educandos, em um quadro que pode ser interpretado como de violência sobre o corpo, para torná-los homogêneos e úteis, fazendo-se uso dos processos disciplinares para puni-los e normalizá-los. Assim, vão sendo fabricados corpos docilizados, submissos e educados para a vida em sociedade que, na visão do autor, é possível por meio da vigilância hierárquica, da sanção normalizadora e do exame. Portanto, a presente pesquisa baseada em Foucault inicia-se no início do século XVIII, passando pelo interesse do corpo produtivo no modo de produção capitalista até chegar aos corpos docilizados nas salas de aula.

**Palavras-chave:** Corpos Dóceis. Poder Disciplinar. Instituição Escolar.

### Introdução

Os estudiosos do fenômeno “corpo” lançam sobre ele vários olhares, assim como conceitos diversos. Inicialmente o corpo foi apresentado e estudado como corpo biológico e, posteriormente, também vivido como corpo cultural. Assim, o “corpo” vai sendo fabricado e educado para a vida em sociedade.

Para um breve histórico do corpo, lançaremos mão do que Foucault (2009b) escreve sobre o tema ao tratar do suplício dos corpos dos condenados. O autor comenta que no final do século XVIII e início do XIX, as festas de punições foram desaparecendo e após dezenas

de anos deixou de existir o corpo como objetivo principal da repressão penal. Não se viu mais “o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo”. Dessa forma, segundo Foucault (2009b), a punição vai deixando de ser um espetáculo para assumir uma forma negativa, já que o homem precisa temer o crime não em função daquelas cenas públicas, mas pelo fato de ser punido. E, acrescenta (2009b, p. 15): “o desaparecimento dos suplícios é, pois, o espetáculo que se elimina; mas é também o domínio sobre o corpo que se extingue”. Para Grandó (1996), é a partir do século XIX que o corpo não é mais entendido como um suplício, mas como um corpo que necessita obter aptidões e qualificações, pronto para executar o trabalho.

Após o século XVIII, de acordo com Foucault (2009b), o objetivo das práticas punitivas não estava mais no corpo, mas em tocá-lo o mínimo possível. Pois este, só é privado, obrigado e interditado, diz o autor, quando está numa posição de instrumento ou de intermediário; no sentido de que, qualquer intervenção pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório, objetiva privar o indivíduo de sua liberdade vista como um direito e como um bem. Sendo que os carrascos foram substituídos pelos guardas, médicos, psiquiatras, psicólogos, e também, pelos educadores. Isto é, aquele que punia, ditava as ordens e vigiava era autoritário e pregava uma suposta ordem. E agora, transformou-se nestes profissionais, chegando ao espaço escolar. Atualmente, nos bancos escolares, por exemplo, a docilização dos corpos não está mais necessariamente ligada à violência física (castigos, palmatória, ficar de joelhos no milho, palmadas, etc.), mas se estabelece por outro tipo de violência sobre o corpo – uma “violência simbólica”, como diz Bourdieu (2002, p. 50). Há assim um olhar de reprovação, como também a privação da palavra, a proibição da expressão do pensamento, a exigência da boa conduta.

O estudo teórico, portanto, fundamenta-se em Michel Foucault, que por meio de pesquisas historiográficas e documentais trouxe reflexões sobre os processos disciplinares e suas conseqüências na vida das pessoas dentro de instituições como a família, o quartel, a fábrica, a escola e o hospital. Assim, segundo o autor, produzem-se “corpos dóceis”, isto é, corpos obedientes e “bonzinhos”, que não contestam e que apenas se deixam instruir. Lembrando que isso acontece em vários setores da sociedade, no caso deste artigo, contemplamos especialmente o ambiente escolar.

### **Produzindo Corpos Dóceis pelo Poder Disciplinar**

O corpo até o século XVIII foi alvo de suplícios como forma de punição, a sua sexualidade era padronizada para colocar limites entre o normal e o patológico; o corpo da mulher era subestimado e os corpos de crianças e jovens eram governados dentro das escolas. Ao contemplar esta reflexão, não podemos deixar de remeter aos dias atuais, pois estes processos deixaram conseqüências que ainda se sustentam, já que, segundo Foucault (2010), a dominação impõe obrigações e direitos, fazendo com que surjam marcas nas coisas e nos corpos. Estas são algumas das conseqüências das intervenções realizadas no corpo dos indivíduos por meio do “poder disciplinar”, que é geralmente um tema complexo na visão do autor (2010, p. 75): “Marx e Freud talvez não sejam suficientes para nos ajudar a conhecer esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte, que se chama poder”.

Afinal, o que seria então um corpo dócil?

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.

Neste processo de adestramento dos corpos, é fundamental ter claro quais são os recursos necessários para que ocorra seu funcionamento e traga sempre resultados aos interessados. Logo, o poder disciplinar tem como objetivo “adestrar” as “multidões confusas e inúteis de corpos”, e a partir daí, fabricar indivíduos obedientes (FOUCAULT, 2009b, p. 164). A disciplina é um tipo de poder, torna os indivíduos meros objetos e, ao mesmo tempo, instrumentos do seu próprio exercício. Para o autor (2009b, p. 164), são três os instrumentos responsáveis pelo sucesso do poder disciplinar: “o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”.

O poder disciplinar é invisível, pode vigiar sem ser visto, se expressando pelo olhar e exercendo seu controle sobre os corpos em questão. Mantendo o indivíduo disciplinado. Além disso, o exame faz com que a individualidade de cada corpo entre para uma documentação administrativa, pois tudo é anotado. São registrados detalhes de todas as atitudes e comportamentos (FOUCAULT, 2009b). Os atos de anotar e registrar produzem um saber,

facilitado pelo panoptismo<sup>1</sup>. Assim, a vigilância foi fundamental para controlar alunos, presos, “loucos” e operários, assevera o autor.

A violência não precisa ser física, marcada no corpo, mas não deixa de ser uma violência psicológica, em que o próprio indivíduo com receio de ser punido ou excluído, se auto-vigia constantemente. É interessante destacar a reflexão de Foucault (2010) acerca do curso do olho do poder. Ele afirma que o olhar exige um custo insignificante para ser levado em consideração, afinal, não é necessário armas e nem violência física. É um olhar constante, que cada um ao senti-lo, passa a interiorizá-lo.

Além disso, uma das maneiras de se interditar o corpo de um educando, é proibindo-o de expressar sua sexualidade, seu desejo de mostrar quem realmente ele é. Como se um indivíduo não pudesse saber se o que sente é realmente saudável, sendo preciso um laudo médico para apresentar um veredicto sobre sua sexualidade. Por isso, César (2010, p. 5), fundamentando-se em Foucault, diz que o “sexo bem educado” fez parte do processo de escolarização de jovens e crianças, produzindo a sujeição. Os séculos XVIII e XIX governaram os corpos de mulheres, crianças e jovens de forma a separar o que era normal do patológico. E, claro, segundo a autora, a escola foi o espaço em que se deu o ato de governar corpos em nome da saúde, da higiene e da moral.

O objetivo da disciplina, como instrumento do poder disciplinar é justamente docilizar o indivíduo, “fabricando-o”, do ponto de vista social, econômico e político, e assim produzir mais, para gerar mais lucros, de forma que homens e mulheres não se revoltem com o Estado:

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (FOUCAULT, 2010, p. 106).

Como foi possível perceber com Foucault (2009b), o objetivo da disciplina nada mais é que fabricar corpos úteis, por meio de suas técnicas específicas. Na seqüência, abordaremos

---

<sup>1</sup> Na verdade, o panóptico faz com que o vigiado não veja o responsável por este poder que controla, mas tem sempre a sensação de estar a todo instante sendo observado. É uma máquina que fabrica bons comportamentos, sem recorrer à força física para que um operário trabalhe, um louco acalme-se, um detento comporte-se bem ou um aluno seja aplicado (FOUCAULT, 2009b).

algumas destas técnicas utilizadas para distribuir as pessoas no espaço (FOUCAULT, 2009b, p. 137-142), no caso deste estudo, procuramos nos remeter ao ambiente escolar:

1 *Cerca*: um local protegido e fechado em si mesmo, como o aprisionamento de vagabundos e miseráveis. O autor cita os *Colégios*, que surgem inspirados no padrão dos conventos, da mesma forma que o internato mostra-se como o regime de educação mais próximo do ideal (FOUCAULT, 2009b, p. 137). A escola, para proteger seu espaço físico, isola-se do exterior, constrói muros altos, delimitando seu local para educadores e educandos como mostra o filme francês “*Entre os Muros da Escola*”.

2 *Quadriculamento*: visa identificar cada indivíduo no espaço de clausura é fundamental, situá-lo e não permitir distribuições por grupos, pois “o espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quanto corpos ou elementos que há a repartir” (FOUCAULT, 2009b, p. 138). São proibidas circulações desordenadas, pois é necessário saber quem está presente e quem está ausente, de forma que seja possível encontrá-los, isto é, um controle e dominação permanente são exercidos sobre os corpos.

Araújo (2001) acredita que o enquadramento espacial contribui na distribuição das tarefas, já que cada pessoa torna-se uma célula, de modo que uma massa amorfa não contribui para uma boa produtividade e a punição tornar-se-ia complicada, as salas de aula ficariam bagunçadas. Nas escolas onde desenvolvemos nossa pesquisa observacional, notamos que dentro da sala de aula cada aluno deve permanecer sentado em sua carteira no espaço que lhe é permitido, de modo que o professor possa identificá-lo e certificar-se da sua ausência. E, para reforçar esta questão utilizam-se as chamadas para confirmar a presença de cada aluno na instituição.

3 *Localizações funcionais*: têm como finalidade localizar cada indivíduo para controlá-lo minuciosamente. Foucault (2009b, p.139) afirma que as localizações funcionais têm o objetivo não apenas de vigiar, mas de estabelecer um espaço útil. Nas oficinas este espaço funcional serve para vigiar tanto o grupo, como cada integrante, verificando a qualidade e rapidez de seu trabalho e evitando aglomerações. Isso foi verificado também nas escolas observadas.

4 *Fila*: a posição na fila determina a classificação de uma pessoa individualizando os corpos numa localização que os distribui, e assim possam circular numa rede de relações. É a partir de 1762, segundo Foucault (2009b, p. 141), que a ordenação por filas definirá como os alunos serão repartidos nas escolas, por exemplo, com filas nos corredores e pátios. E a fila irá

designar cada aluno, segundo sua idade, comportamento ou desempenho. Enfim, os alunos são o tempo todo controlados, vigiados e enquadrados segundo classificações. E junto disso, as filas têm como objetivo manter a ordem no ambiente.

Foucault (2009b) compara o treinamento dos escolares com os dos soldados, pois em ambos é permitido apenas a troca de poucas palavras; deve, na realidade reinar um silêncio absoluto que só é interrompido por sinais como gestos, sinos, palmas ou um olhar do mestre. Assim, obedecer às ordens é essencial.

Desse modo, a escola utiliza estes mecanismos disciplinares para docilizar os corpos dos educandos. Mas de que forma isso é possível? Por meio dos recursos educacionais que têm como finalidade tornar as crianças e os jovens obedientes, dóceis, produtivos e aptos para o trabalho, sendo que há elementos que propiciam estes comportamentos:

[...] por exemplo, a fila, a carteira, o treino para a escrita, os exercícios com dificuldades crescentes, a repetição, a presença num tempo e num espaço recortados, a punição pelo menor desvio de conduta, a vigilância por parte de um mestre ou monitor, as provas, os exames, os testes de aprendizagem e de recuperação, o treinamento dentro de padrões e normas fixos. E mais, os resultados dos esforços pedagógicos sendo permanentemente avaliados por critérios também eles padronizados, leva a uma simples análise de boletins, que sirva para medir os casos que desviam, portanto, serve para marcar, excluir, normalizar (ARAÚJO, 2002, p. 79).

A docilização dos corpos pela disciplina visa tornar as pessoas “boazinhas”, sem lhes dar um espaço de reflexão acerca de sua posição na sociedade ou no mundo. Contestar, principalmente contra o sistema, não é permitido, pois vive-se uma falsa liberdade, já que se está envolvido em um sistema que busca cada vez mais alunos, e posteriormente, trabalhadores que ajam de forma mecanicista. Seu alvo: o corpo de crianças, jovens e adultos – homens e mulheres, passíveis de serem sujeitados, como assevera Foucault (2009b).

### **Corpo e Sistema Capitalista**

No século XVIII e início do século XIX, a burguesia precisava de um tipo de homem capaz de suportar uma nova ordem político-econômica e, para ter êxito, investiu nas “forças produtoras do corpo” e no seu crescimento (SIEBERT, 1995, p. 25). Nesse sentido, para conseguir o que se deseja de um indivíduo, numa certa época, é preciso utilizar a disciplina. É por meio dela, com uma coerção constante que se alcança este fim, segundo a autora.

Foucault (2010) percebe que é justamente com as mudanças econômicas no século XVIII que os efeitos do poder circularam, atingindo cada pessoa, modificando seus corpos e seus gestos no dia-a-dia, lembrando que a disciplina possibilita até hoje no processo educacional, “fabricar” alunos dóceis que não refletirão acerca de sua posição na sociedade. Já que o educador muitas vezes acaba repassando a eles conteúdos vazios e distantes de sua realidade, quando não diferentes, procura apenas “prepará-lo” para o mercado de trabalho. Qualificar mão-de-obra para atender as demandas das empresas, gerar lucros e manter os donos do capital cada vez mais ricos, como se fosse um círculo vicioso. Importa ao Estado à educação funcionar de outra maneira, ter cidadãos emancipados e reflexivos?

É nesse sentido que destacamos a importância de que, além dos historiadores estudarem o corpo no campo da demografia ou da patologia, devem considerar que ele também está inserido num campo político (FOUCAULT, 2009b). As relações de poder o atingem, o dominam, lembra Foucault (2009b, p. 29): “[...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Logo, a importância de se conhecer todo o contexto histórico, dado que as situações sociais, econômicas e políticas estão vinculadas ao modo de produção capitalista e o corpo de cada homem e mulher é atingido por ele. E aquele que não é obediente e que não produz, não gerando lucros ao sistema, é punido ou excluído. Ou então, como destaca Medina (2000), chega-se no resultado de milhões de corpos que são afastados ou excluídos dos bens materiais e culturais produzidos pelo modo de produção capitalista, trazendo como consequência a miséria e o analfabetismo.

Foucault na obra *Arqueologia do Saber* (2009a, p. 183), também assevera que há ligações entre vários acontecimentos políticos, econômicos e transformações institucionais ocorridos no século XVIII e a medicina clínica. Isso significa que:

[...] em uma época em que o capitalismo industrial começava a recensear suas necessidades de mão-de-obra, a doença tomou uma dimensão social: a manutenção da cura, a assistência aos doentes pobres, a pesquisa das causas e dos focos patogênicos tornaram-se um encargo coletivo que o Estado devia, por um lado, assumir e, por outro, supervisionar. Daí resulta a valorização do corpo como instrumento de trabalho, o cuidado de racionalizar a medicina pelo modelo das outras ciências, os esforços para manter o nível de saúde de uma população, o cuidado com a terapêutica, a manutenção de seus efeitos, o registro dos fenômenos de longa duração.

Para Araújo (2001), o ponto crucial da obra *Vigiar e Punir* é a hipótese levantada por Foucault a respeito do aumento populacional e do crescimento do capitalismo, momento em que surgiram técnicas de domesticação do corpo. A autora entende que o corpo foi alvo de

violências, castigos, trabalhos pesados e escravidão, porém, a sociedade disciplinar volta-se para o corpo, para dele e de forma individual tirar toda sua utilidade e docilidade. Cita neste caso, instituições que docilizam e disciplinam os corpos: a prisão, o exército, a fábrica, o hospital. E também a escola.

O corpo é reprimido pelo poder disciplinar que o torna dócil, com o incansável controle que as classes dominantes exercem sobre os indivíduos com o objetivo de torná-los consumidores e cada vez mais produtivos, sem possibilidade de pensarem por si próprios. Medina (2000) assevera a necessidade de ir além de uma concepção de corpo como um simples objeto que tem a finalidade do lucro, através do rendimento e da produtividade. Pois, como foi visto, corpo, poder disciplinar e sistema capitalista estão intimamente ligados. Caso contrário, esclarece o autor, apenas se cumprirá o papel de produtor e/ou consumidor no sistema capitalista que visa o lucro acima de tudo.

A escola é, em grande escala, aquilo que as forças dominantes da sociedade desejam que ela seja. No sentido oficial, digamos assim, uma de suas funções fundamentais é manter o controle social através da estabilidade e do ajustamento. [...] Isto não quer dizer que a escola seja uma instituição estática e absolutamente reprodutiva do que já existe. Ela muda e se renova constantemente à medida que as contradições sociais obrigam o rearranjo da postura ou do discurso ideológico da classe dominante. [...]. Portanto, se vivemos num sistema capitalista, dependente, altamente hierarquizado em níveis sociais, não só a escola como também o homem, o corpo, e suas manifestações culturais, serão produtos ou subprodutos das estruturas que caracterizam este sistema (MEDINA, 2000, p. 19).

Mesmo exigindo-se que um corpo seja dócil, podendo-se dizer que é um dos objetivos do sistema capitalista, ele não é uma máquina, mas tem seu ritmo natural e é orgânico. “o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo” (FOUCAULT, 2009b, p. 150).

### **Corpos Dóceis e Disciplinados nas Instituições Escolares**

Segundo Foucault (2010) no século XVII, os alunos ficavam todos aglomerados numa sala e o professor chamava cada um individualmente para ensinar-lhe algo por alguns instantes, até chamar o próximo. Para realizar um ensino coletivo foi preciso montar uma organização dos corpos dentro da sala de aula. O autor (2009b) afirma que uma das grandes modificações na escola foi o espaço serial que superou o sistema tradicional, que enquanto o professor trabalhava com um aluno, os outros ficavam dispersos e ociosos. Por isso, a



distribuição dos alunos por lugares individuais facilitou o controle de cada um, ao mesmo tempo em que todos trabalhavam. Desse modo, a escola “fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 2009b, p. 142).

A disciplina, mais uma vez, auxiliando na classificação, na imposição da ordem, na distribuição de cada aluno dentro da sala de aula. E, claro, o professor como responsável por este olhar classificador, fazendo uso do panóptico, que permite a organização em unidades espaciais para ver e reconhecer cada aluno durante todo o tempo. Na escola, o olhar de um vigia, no caso o professor, faz com que não houvesse a “cola”, o barulho ou conversas que podem distrair a atenção de alunos e professores (FOUCAULT, 2009b).

Inês Araújo (2001), interpretando o pensamento de Foucault, observa que as escolas vigiam e controlam o tempo; nelas os exercícios aperfeiçoam o desempenho, padronizando e tornando os gestos rigorosos, terminando no corpo que é ágil para responder ao menor sinal. Dentro das salas, principalmente, o tempo é um excelente operador pedagógico, acredita a autora. Isto é, o processo disciplinar atinge todos os educandos, controlando os seus passos, a sua postura, o seu conhecimento e as suas emoções, impedindo o outro de ser e demonstrar as suas vivências e a sua história. Ele torna-se mais um naquela sala de aula e mais uma sala de aula naquela escola.

O ambiente escolar parece mostrar-se como pronto e acabado onde educandos e educadores não participam da elaboração dos conteúdos, e o que se instala é uma relação vertical impregnada pelo mutismo daqueles que não possuem o direito de falar, apenas o dever de executar. Segundo Siebert (1995, p. 20):

O sentido objetivo da *ordem institucional apresenta-se, assim, a cada indivíduo, como um dado acabado* e universalmente aceito, socialmente admitido como *natural* e certo, como tal. Se há algum problema, atribui-se às dificuldades subjetivas que o indivíduo possa ter na interiorização desses acordos sociais. O mesmo, não tendo opção de selecionar seus outros significados, identifica-se automaticamente com o *padrão*, que é só o que conhece.

Na obra *Vigiar e Punir* (2009b), Foucault descreve reflexões sobre a disciplina, como ela acontece e de que forma vai se aplicando aos poucos na prática do educador. Para tanto, ele cita as provas graduadas que separam uns estágios de outros; a fase que cada programa deve ser aplicado, assim como a dificuldade de seus exercícios crescentes para que cada aluno

seja qualificado à medida que passa por essas séries (FOUCAULT, 2009b). Assim, surge o que o autor chama de uma pedagogia analítica composta de muitos detalhes. A ação do ensino é permeada por uma relação de fiscalização, pois a vigilância hierarquizada carrega consigo mecânicas de poder. Aqui, o poder disciplinar aparece em todo lugar, estando sempre em estado de alerta para que nada fique sem este olhar vigilante e, desse modo, tudo e todos sejam controlados de forma minuciosa (FOUCAULT, 2009b). Araújo (2001) lembra que da mesma forma que separar e classificar os doentes é fundamental no processo de cura, na escola este processo de separação e classificação também ocorre na prática pedagógica escolar: classes, séries, provas, a divisão das classes por idade. Tudo visando à obediência e a economia de tempo. Parece haver um sentido econômico e produtivo, objetivando tornar os corpos continuamente homogêneos.

Na escola, por exemplo, um dos instrumentos do poder disciplinar é a *sanção normalizadora*. Para um sistema disciplinar funcionar, de acordo com Foucault (2009b, p. 171-172), existem pequenas punições para o

[...] tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência).

Os castigos, as privações e as humilhações são objeto de punição corretiva. Portanto, se o ato de punir corrige um comportamento ele tende a tornar as pessoas iguais, pois faz uso de um modelo que é considerado “correto”. Poderíamos dizer que é uma forma de interditar ou docilizar o corpo do outro, na medida em que só é permitido se expressar dentro de padrões já estabelecidos e dados como legítimos, já que “todo aquele que se desviar da norma, torna-se alvo de um saber que o examinará e de um poder que o corrigirá ou punirá” (ARAÚJO, 2011, p. 83).

Dentro da instituição escolar, cada passo do educando é vigiado, para que ele não escape às normas e sempre responda conforme o esperado. Segundo Foucault (2009b), há duas implicações da penalidade hierarquizante: a primeira é distribuir os escolares conforme suas aptidões e comportamentos de forma que se saiba o que fazer com eles fora da escola, e a segunda, aplicar sobre eles uma pressão contínua para que todos sejam submetidos ao mesmo padrão, ou seja, a docilização durante o processo de ensino. Assim, “a escola torna-se um

aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino” (FOUCAULT, 2009b, p. 159).

Os gestos, os comportamentos e todas as expressões corporais dos estudantes são manipulados por meio de coerções, pois a disciplina objetiva formar corpos submissos, “dóceis” (FOUCAULT, 2009b). Araújo (2002) vê as necessidades disciplinares na obra de Foucault como resultado de uma sociedade que espalha as práticas de saber e poder pelo corpo social. E, isso ocorre principalmente em instituições nas quais o homem e a mulher devem ser curados, vigiados, treinados e pedagogizados<sup>2</sup>.

Como vimos, dentre os recursos utilizados para um bom adestramento, estão o olhar hierárquico que vigia, a sanção que normaliza e, também como veremos, o *exame*. Para Foucault (2009b), o exame usa as duas técnicas anteriores fazendo com que os indivíduos sejam diferenciados e sancionados. Por exemplo, na escola o exame é considerado um aparelho disciplinar que está presente constantemente, contemplando “cada vez mais de uma comparação perpétua de cada um com todos, que permite ao mesmo tempo medir e sancionar” (FOUCAULT, 2009b, p. 178). O exame na escola para o autor tem como objetivo verificar se ocorreu uma transferência de conhecimento do mestre para o aluno. Isto é, verifica-se desse modo, uma relação vertical do professor para com o aluno.

A sociedade busca a todo o tempo a disciplina, por isso, realiza sua “pedagogização”, afirma Araújo (2002), através da vigilância, da norma e do exame, voltados a cada estudante em sua particularidade. Para concluir: estas três técnicas abordadas por Foucault (2009b, p. 184), isto é, a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame, funcionando de forma conjunta têm como finalidade disciplinar “a repartição e a classificação, a extração máxima das forças e do tempo, a acumulação genética contínua, a composição ótima de aptidões”.

Como as técnicas citadas acima são utilizadas em outras instituições, podemos dizer que é possível fazer um paralelo entre a escola e a prisão. Foucault (2010, p. 73) acredita que nas prisões o poder não se encontra mascarado, pelo contrário, mostra-se sem máscaras; seria como uma dominação do bem sobre o mal, um autoritarismo que levaria a ordem e não a desordem. E, Deleuze, em uma conversa com Foucault (2010, P. 73) comenta que as próprias crianças são tratadas como prisioneiras, não apenas os prisioneiros como crianças. Acrescenta

---

<sup>2</sup> Araújo (2002, p. 76) chama de “pedagogizador” o modelo de educação que se restringe a instrução, reprodução de conhecimento e que se atém a padrões normalizadores.

que a infantilização que se coloca sobre as crianças não é delas. Nesse sentido é que a escola é semelhante à prisão e a própria fábrica é muito parecida com a prisão. Por isso, Foucault (2009b, p. 214) comenta: “devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais e todos se pareçam com as prisões.” (FOUCAULT, 2009b, p. 214). Podemos questionar que escola é esse aparelho que toma emprestado o modelo prisional, utilizando-se do poder disciplinar para “educar”, “formar” (colocar em uma forma) educandos e educadores?

Da conversa entre Foucault e Deleuze descrita no livro *Microfísica do poder* (2010), acima referenciado, é importante ressaltar a compreensão de Deleuze de que o poder atingiu um estado ou visão global. Não está restrito, pois várias formas de repressão na situação atual se manifestam a partir do poder. Exemplificando: a repressão nas fábricas, no ensino e contra os jovens. Para o autor, os professores, assim como educadores em geral e outros profissionais acabam cada vez mais executando funções policiais. Manter a ordem, vigiar e punir os culpados, isto é, aqueles educandos que não cumprem as normas e não se comportam segundo as exigências do professor e da escola:

Estamos na sociedade do professor-juiz, do médico-juiz, do educador-juiz, do ‘assistente-social’-juiz; todos fazem reinar a universalidade do normativo; e cada um no ponto em que se encontra, aí submete o corpo, os gestos, os comportamentos, as condutas, as aptidões, os desempenhos (FOUCAULT, 2009b, p. 288).

Assim, para Foucault, estamos permeados por profissionais que mais parecem vigias, acontecendo este tipo de controle em todas as instituições e, de forma acentuada, nas escolas. Este controle, diz Araújo (2001), é para enquadrar as pessoas dentro do padrão de normalidade e observar aqueles que se desviam, valendo para hospitais, escolas, administração pública e empresas privadas. E, como diz a autora, para aqueles que cometem infrações pequenas ou graves, existem os espaços para punir e corrigir, tais como, as penitenciárias, lugares de cura, vilas operárias e as escolas, numa constante prática de saber e poder.

Os professores realizam atividades pré-determinadas, usando um discurso, às vezes, tão dogmático e fechado, que não há espaço para questionamentos, pois “tudo é imposto desde os gabinetes” (SANTIN, 1987, p. 54). E, é justamente a partir destes discursos “verdadeiros” e tidos como legítimos no processo educacional que se produzirão efeitos,

muitas vezes, na aprendizagem e na conduta dos alunos. Já que o aluno precisa de uma nota atribuída pelo professor para provar que realmente aprendeu, caso contrário, será punido com a repetência, pois, geralmente, não lhe é possibilitado fazer sua própria avaliação.

### **Considerações Finais**

Dessa forma, pensando no espaço escolar, na educação dos educadores, parece pertinente superarmos este modelo pedagogizador, conforme afirma Araújo (2002). Não é possível negar este contexto histórico, por isso, é preciso ir além de um modelo de docilização pedagógica dos corpos dos educandos. Logo, é inviável torná-los homogêneos, mesmo que o processo de normalização, obediência e docilização sejam a base de uma sociedade disciplinar, pautada no modo de produção capitalista.

Um corpo dócil é aquele passível de repressão, de ser sujeitado, é aquele indivíduo “bonzinho”, que não pode e nem deve contestar o sistema no qual está inserido. Isso é refletido, reforçado e legitimado dentro das salas de aula, especificamente na prática pedagógica dos educadores. O professor, como vimos, dociliza o corpo do educando não permitindo que ele fale, expresse suas dúvidas, suas angústias e sua própria história. Em outras palavras, o que ocorre é a privação da palavra, dos desejos e das emoções com o uso do poder disciplinar. A sexualidade de homens e mulheres é interdita, proibida de se apresentar naturalmente, pois apenas o heterossexual é compreendido como normal, afinal, o discurso-médico científico (desde o século XVIII) afirmou que o heterossexual é o padrão, portanto, aquele que é saudável. Todo o processo dos corpos dóceis é produzido gradativamente, sendo sustentado pelas instituições disciplinares que fazem uso do poder disciplinar, especialmente, a escola.

### **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

ARAÚJO, Inês L. Da “pedagogização” à educação: acerca de algumas contribuições de Foucault e Habermas para a filosofia da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 3, n. 7, p. 75-88, set./dez. 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Governando corpos e sexualidades na escola. In: 33a. Reunião Anual da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Educação

no Brasil: o balanço de uma década. 2010, Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: Clone Carioca Serv. de Multim. Ltda, 2010. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6363--Int.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GRANDO, José Carlos. **Sacralização do corpo: a educação física na formação da força de trabalho brasileira**. Blumenau: Ed. da FURB, 1996.

MACHADO, Roberto. Por uma fenomenologia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

MEDINA, João Paulo. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. Campinas: Papirus, 2000.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.